

## **Manejo sustentável de abelhas sem ferrão no Território Indígena Pankararé, Raso da Catarina, Bahia**

Sustainable management of stingless bees at Pankararé Indigenous Territory, Raso da Catarina, Bahia

MODERCIN, Isabel, F.; CASTRO, Marina, S. de; BANDEIRA, Fabio Pedro de S. F.  
Núcleo Iraí de Desenvolvimento Sustentável (UEFS) e Laboratório de Abelhas (EBDA),  
imodercin@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho visa relatar as atividades do projeto de criação de abelhas sem ferrão no Território Indígena Pankararé, parte do Programa de Gestão Etnoambiental Pankararé. A partir do levantamento etnoecológico dos saberes Pankararé sobre abelhas tem se buscado a implantação de um sistema de criação sustentável em parceria com os indígenas envolvidos. O manejo das abelhas tem uma grande importância cultural, econômica e social para esse grupo indígena e, portanto o desenvolvimento de práticas sustentáveis de manejo é bastante relevante para a comunidade.

**Palavras-chave:** abelhas sem ferrão, Pankararé, manejo sustentável.

**Abstract:** The present work aims to report the activities of the stingless bee keeping project on Pankararé Indigenous Territory, which is part of an Environmental Management Programme. Beginning with an ethnoecological study of the Pankararé traditional knowledge about bees, ways of implementation of a stingless bee keeping system has been searched within the indigenous relevant contribution. Bees management has a huge importance not only for the Pankararé culture but also at economic and social level to this indigenous group and therefore to develop sustainable management of this natural resource is very relevant to the whole community.

**Keywords:** stingless bees, Pankararé, sustainable management.

### **Introdução**

O uso dos recursos das abelhas sem ferrão (Apoidea, Apidae, Meliponinae) sempre fez e faz parte da vida de muitos povos indígenas e comunidades rurais não-indígenas, principalmente das regiões norte e nordeste do Brasil. Os recursos das abelhas sem ferrão são utilizados na alimentação (larvas, mel, pólen) e têm grande valor medicinal. Mais do que o simples uso dos recursos, pesquisadores constataram também que as abelhas sem ferrão também podem fazer parte da simbologia de tribos indígenas, como acontece com os Kayapó da Amazônia (POSEY, 1981). Em alguns casos, populações tradicionais indígenas e não-indígenas possuem um grande conhecimento sobre a biologia, ecologia e manejo das abelhas sem ferrão que é transmitido de geração em geração (POSEY & CAMARGO, 1990; BANDEIRA, 1993; OLIVEIRA, 2002).

No sertão baiano (e em outros estados do nordeste), a retirada do mel na mata e a criação dessas abelhas sempre foi prática muito comum. Os chamados “meleiros” são aqueles que sabem onde e quando encontrar mel e como coleta-lo, seja em ninhos de

*Apis mellifera* Linnaeus, 1758 ou de abelhas nativas. Nas comunidades rurais pode-se encontrar pessoas que mantêm as colônias de abelhas sem ferrão em “cortiços” (trancos de árvore com o ninho da abelha dentro), potes de barro, ou caixas rústicas de madeira, seja para utilizar o mel ou por puro prazer (CASTRO, 2001).

Desde 2003 vem sendo desenvolvido no Território Indígena Pankararé uma série de projetos voltados para a gestão etnoambiental da área, principalmente nas aldeias da Serrota e Brejo do Burgo onde vive a maior parte dos 1500 índios Pankararé do território (ISA, 2005). Este estudo tem como objetivo descrever as atividades do projeto de criação de abelhas sem ferrão no Território Indígena Pankararé, parte do Programa de Gestão Etnoambiental Pankararé.

### **Material e Métodos**

A implantação do projeto de manejo das abelhas sem ferrão foi precedida por um estudo sobre a etnoecologia Pankararé das abelhas sem ferrão. A obtenção de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas, saídas a campo com os especialistas locais e observações. As entrevistas foram gravadas para posterior tabulação e análise dos dados. As abelhas, ninhos e processos de coleta foram fotografados sempre que possível. Na segunda etapa do projeto, se está utilizando a metodologia de oficinas que permite maiores trocas de conhecimento entre os técnicos e os meliponicultores locais.

### **Resultados e discussão**

Através de estudo da Etnoecologia Pankararé das abelhas sem ferrão (MODERCIN, 2007) pôde-se identificar alguns especialistas locais em abelhas capazes de identificar cada tipo de abelha, descrever comportamento, indicar local de nidificação, habitat preferido por cada uma, reconhecer plantas que as abelhas visitam e determinar o uso medicinal do mel de cada abelha para uma enfermidade em especial.

Alguns destes especialistas também são meleiros que tiram mel e às vezes cortiços da mata. Em geral, os meleiros e também os caciques são pessoas a quem a comunidade recorre para aconselhamentos de uso medicinal do mel das abelhas sem ferrão. O mel é de extrema importância na comunidade e conseqüentemente este recurso é bastante procurado.

Conforme observado e através de dados indiretos obtidos nas entrevistas do presente estudo, a extração do mel das abelhas sem ferrão, geralmente implica na

destruição do ninho. Os Pankararé afirmam ter cuidado ao retirar o mel tentando não danificar a cria, mas confessam que às vezes as abelhas “vão embora” ou “se mudam para outro pau”, uma vez que não acreditam que a colônia possa morrer, mas apenas migrar para outro oco.

A retirada de cortiços ainda tem como agravante o fato de que pode implicar na derrubada da árvore onde está o ninho da abelha. Ele pode estar em um dos galhos da árvore ou no tronco principal, sendo que no primeiro caso a árvore não será comprometida, mas se ele estiver no tronco principal ela será derrubada.

Durante o levantamento dos saberes e práticas Pankararé sobre abelhas sem ferrão em muitos depoimentos foi recorrente a queixa de que as abelhas sem ferrão são cada vez mais difíceis de serem encontradas. De acordo com os relatos, alguns fatores podem estar contribuindo para a diminuição da população de abelhas nativas tais como a coleta de mel e a captura de cortiços com perda da colônia e o desmatamento que restringe as possibilidades de nidificação das abelhas. Sendo que estas pressões, conforme os próprios indígenas, são causadas não apenas por eles mesmos, mas também por pessoas que vêm de fora do território com o simples propósito de caçar e tirar mel.

Por um lado, o manejo das abelhas é de extrema importância para os Pankararé principalmente devido à produção do mel, utilizado para fins medicinais, como alimento e, como fonte alternativa de renda através da sua venda. Alguns autores destacam ainda a importância cultural de manejar as abelhas (BANDEIRA, 1993; SILVA, 2003). Segundo SILVA (2003), professora indígena, através dessa prática os Pankararé “conservam sua cultura e lutam pela continuação dos ensinamentos dos seus ancestrais”.

Contudo, é preciso que o manejo das abelhas seja feito de forma que sua população não decline vertiginosamente e possa continuar exercendo seu papel ecológico e servir aos filhos e netos dos Pankararé.

Desta forma, o projeto vem tentando propor formas adequadas de usar os recursos provenientes das abelhas pela comunidade indígena através de um diálogo entre os conhecimentos tradicional e científico.

A implantação do projeto de criação racional de abelhas sem ferrão iniciou-se como uma meta do Projeto de Gestão Etnoambiental Pankararé executado pelo Núcleo Iraí de Desenvolvimento Sustentável da Universidade Estadual de Feira de Santana com financiamento do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/ MMA) e tem como objetivo desenvolver um sistema de criação de abelhas sem ferrão que envolva a criação

das colônias em caixas racionais, a confecção destas caixas, a produção de mel de qualidade e a produção de mudas para enriquecimento de caatinga com espécies utilizadas tanto pelas abelhas como pelas atividades do projeto (como a madeira que serve para produzir caixas).

Para começar, a equipe do projeto acompanhou cada meleiro interessado em criar as abelhas em saídas para capturar sua primeira colônia. E em seguida foram ministradas oficinas sobre transferência da colônia do cortiço para a caixa e manejo da colônia (cuidados, proteção contra inimigos, fortalecimento etc). A equipe do projeto acompanha as colônias dos meliponicultores mensalmente avaliando o estado delas e indicando as providências a serem tomadas por eles.

Atualmente são 19 indígenas mobilizados pelo projeto de criação de abelhas sem ferrão. A maioria já está criando abelhas da espécie *Melipona subnitida* Ducke, 1910 chamada por eles de “uruçu” outros estão ajudando no projeto de outra maneira (na construção do pequeno galpão para colocar as caixas, por exemplo). Cada meliponicultor possui no mínimo uma caixa e um deles já ampliou sua criação, inclusive com o financiamento de outros órgãos (recurso de projeto aprovado pela ONG AGENDHA). Desde o início da implantação do projeto já se tem pelo menos 30 caixas de “uruçu” entre famílias das aldeias da Serrota e Brejo do Burgo.

Estão sendo testados três modelos de caixas: modelo Baiano, Fernando Oliveira e Lelo<sup>1</sup>, para testar não só a adaptabilidade da *M. subnitida*, mas também qual, dentre elas, vai agradar mais aos meliponicultores pela facilidade de manejo e facilidade de confecção.

Até o fim do projeto ainda estão previstas a construção de mais um galpão, para abrigar as caixas de abelhas e a construção de um horto que fornecerá mudas, entre outras, que sirvam como fonte de alimento e local de nidificação para as abelhas.

Pretende-se ainda testar a criação da *Frieseomelitta* sp em caixas racionais já que esta abelha, conhecida pelos Pankararé como “abeia-branca”, é uma das mais procuradas para a extração do mel, juntamente com a “uruçu” e a “papa-terra” (*Melipona asilvai* Moure, 1971).

---

<sup>1</sup> Caixa rústica desenvolvida pelo artesão Lelo em parceria com o Laboratório de Abelhas da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (LABE/ EBDA), feita a partir de troncos de umburana secos.

### Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, F. P. S. F. *Etnobiologia Pankararé*. Monografia. Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993.
- CASTRO, Marina Siqueira de. *A comunidade de abelhas (Hymenoptera; Apoidea), de uma caatinga arbórea entre os “inselbergs” de Milagres, Bahia, com ênfase nos polinizadores*. Tese (Doutorado) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Ecologia Geral. 191p. 2001.
- ISA. *Quem, onde, quantos?*. Disponível em <www.isa.org.br>. Acesso em out. 2005.
- MODERCIN, Isabel Fróes. *Etnoecologia Pankararé das abelhas sem ferrão, Terra Indígena Pankararé, Raso da Catarina, Bahia*. Monografia. Instituto de Biologia. Universidade Federal da Bahia. 46p. 2005.
- OLIVEIRA, M. L. As abelhas sem ferrão na vida dos seringueiros e dos Kaxinawa do alto rio Juruá, Acre, Brasil. In: Cunha, M. C. & Almeida, M. B. (orgs.). *Enciclopédia da floresta. O alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- POSEY, Darrell Addison. *Apicultura popular dos Kayapó*. In: *Atualidade Indígena*, n.20, FUNAI, 1981. p. 36-41.
- POSEY, D. A.; CAMARGO, J. M. F. de. O conhecimento dos Kayapó sobre as abelhas sociais sem ferrão. (Meliponidae, Apidae, Hymenoptera): notas adicionais. In: *Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Zoologia*, v.6, n.1, SCT/CNPq/MPEG, 1990. pp. 17-42.
- SILVA, A. *A importância das abelhas para o povo Pankararé*. Monografia para o curso de formação para o magistério indígena da Bahia. Brejo do Burgo, 2003.